

A Imagem e o Vídeo no Tempo Ressonante: Uma Análise da Construção de Linguagem no videoclipe *Take me Out* de Franz Ferdinand.¹

Camila Luiza Claudino²
Gláucio Henrique Matsushita Moro³

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR.

RESUMO

Esse artigo visa desenvolver um estudo sobre a percepção e a imagem, suas representações dentro de uma cultura, e influências que essa construção pode sofrer. Explora, através do estudo da imagem, como os elementos do meio intervêm no desenvolvimento e na representação. O foco é analisar os rastros culturais ao longo de sua história utilizando a representação imagética do construtivismo russo como análise de rastro. Foi realizada sobre o videoclipe do diretor Jonas Odell, *Take me Out*, da banda Franz Ferdinand (2004), utilizando os temas abordados para evidenciar e revelar os ecos que o estruturaram.

PALAVRAS-CHAVE

Construtivismo Russo, Percepção, Resignificação, Cultura.

1 - INTRODUÇÃO

Representamos e desenvolvemos conceitos e ideias em uma sociedade diariamente. O tempo todo estamos expostos a reflexões acerca de nossa cultura e observando novas maneiras do fazer no cotidiano. As definições sobre os modos de ver o mundo são extraídas da construção de cada ser, o qual foi formado a partir de relações

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagens e Imaginários, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Camila Luiza Claudino é estudante de Graduação em Design da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC-PR e bolsista de pesquisa Araucária de Iniciação Científica. Atua como estudante pesquisadora nas áreas de imagem, vídeo e tecnologia. E-mail: camilaluizaclc@gmail.com

³ Gláucio Henrique Matsushita Moro é Doutor formado pelo Programa de Pós Graduação em Tecnologia (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) (2016), Mestre formado pelo Programa de Pós Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) (2010) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Graduado em Desenho Industrial Pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2004) e técnico em Desenho de Comunicação pela Escola Estadual Carlos de Campos (2000). Atualmente leciona no curso da graduação em Design da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). É pesquisador nas áreas de imagem e sociedade, vídeo, cinema e tecnologia. E-mail: ghmoro@gmail.com

que, por muitas vezes, vieram do próprio desenvolvimento do ser humano ao longo dos anos.

Esse artigo visa analisar alguns desses conceitos e ideais compartilhados em diferentes realidades, fazendo uso de uma parte dos estudos culturais para analisar rastros e ecos que a humanidade produziu com o passar do tempo.

A análise terá como foco o vídeo de Jonas Odell, *Take me Out*, da banda Franz Ferdinand (2004), o qual utiliza referências do construtivismo russo como estrutura imagética audiovisual.

O objetivo é rastrear esses ecos, evidenciando os elementos construtivistas imagéticos capturados e ressignificados que tiveram como resultado a produção do vídeo. Com base nos estudos de John Berger (1997), Dagnino (2004), Eugênio Bucci (2008), Gláucio Moro (2016) e Stuart Hall (2015) será feita uma análise dos rastros culturais e visuais do objeto de estudo.

O primeiro capítulo aborda como a representação e a percepção de uma cultura modifica a construção do meio. Exemplos de situações culturais serão expostos com base nos estudos de Berger (1997) e Hall (2015) sobre linguagem e modos de ver e interpretar os elementos de uma sociedade. Além disso, será realizada uma breve análise de como a produção de cartazes russos foi feita, ocorrendo a partir de uma construção da imagem como processos do movimento.

Também será salientada a importância da linguagem dentro do âmbito cultural e como através dela que convenções são estabelecidas. Levando em consideração a visão dos autores, citados acima, temos os conceitos de Bucci (2010) introduzidos em paralelo, explicitando como essa conexão pode se dar a partir do estudo da memória na imagem. Evidenciamos a importância das representações do passado nas representações do presente, demonstrando como esses rastros contribuem para a singularidade de cada cultura e de cada repertório pessoal através da percepção dos ecos para entender como uma cultura e seus elementos são estabelecidos.

Após, serão abordados os estudos da técnica no meio social, mostrando sua importância para a constituição do meio nas relações tecnológicas e sociais. É a partir dela, e das ferramentas, que em conjunto com a linguagem, mudanças culturais podem acontecer e os signos podem se ressignificar.

Por meio dos estudos de Dagnino (2004) e Moro (2016) será desenvolvido o pensamento da não neutralidade da tecnologia, que inclui questões políticas e sociais, as quais estão diretamente ligadas na maneira como ela será utilizada, variando de acordo com as necessidades de cada cultura. Conclui-se que não é possível classificar a tecnologia como pior ou melhor, pois ela se enquadra dentro das realidades do seu meio e da sua época.

Em seguida, é abordado como as relações sociais de produção influenciam nesse processo, visto que é a partir delas que a tecnologia é moldada. Dado o pensamento da não neutralidade tecnológica, os estudos de Dagnino (2004) mostram de qual modo a função muda dependendo da forma como uma sociedade se relaciona. Será fornecido um exemplo evidenciando de que maneira o audiovisual avançou para o meio digital, e suas ressignificações dentro desse processo. Porquanto, o objetivo é revelar como esse fato ocorreu e as necessidades de uma sociedade que tem se adequado cada vez mais com novos modelos oferecidos dentro da mesma técnica (audiovisual), mas com diferentes contextos.

Na última parte do trabalho será realizada a análise do videoclipe baseando-se nos estudos de Moro (2016), o qual estabelece categorias de análise da imagem, por meio de seus rastros, as quais serão apresentadas e aplicadas, explorando e exibindo os ecos ressignificados dentro da história pelos estudos culturais, que torna possível interpretar e investigar percepções dos rastros dentro de suas construções culturais, possibilitando o entendimento das raízes e estruturas de diferentes culturas.

2- MODOS DE VER A IMAGEM

Os modos de ver de cada indivíduo representam o que é este ser dentro de uma sociedade, e servem para construir e identificar pontos importantes ao longo da história e como eles podem ser desenvolvidos dependendo de fatores dentro de uma cultura.

A percepção pode ser composta por vários modos de ver os quais diferenciam o comportamento humano. As visões das pessoas mudam à medida que as gerações passam, se alternando conforme as experiências e hábitos de cada época. Esse fato também é observado na construção de culturas. Assim, a percepção pode ser moldada e

diferenciada de acordo com a realidade de cada indivíduo, e a maneira como cada um observa a sociedade.

Aquilo que sabemos ou aquilo que julgamos afeta o modo como vemos as coisas. Na idade média, quando os homens acreditavam na existência física do inferno, a visão do fogo tinha certamente para eles um significado muito diferente do que hoje tem para nós. No entanto, a sua ideia de inferno dependia muito da visão do fogo que consome e das cinzas que permanecem, bem como da experiência dolorosa das queimaduras. (BERGER, 1987, p. 12)

As diferentes percepções entre os indivíduos formam a pluralidade dentro da sociedade, por isso as suas representações nunca serão exatamente iguais. Um fator que influencia diretamente isso é o meio social. Ele é essencial para a análise, pois as pessoas são imersas em realidades sociais diversas.

Na linguagem fazemos uso de signos e símbolos – sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos – para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos. A linguagem é um dos meios através do qual pensamos, ideias e sentimentos são representados numa cultura. A representação pela linguagem, é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos (HALL, 2015, p. 74)

O estudo dessa linguagem nos oferece pistas de como a comunidade em que vivemos foi formada. Uma construção de significados é realizada através de representações e, no caso desse artigo, uma construção visual e imagética.

A vista é aquilo que estabelece o nosso lugar no mundo que nos rodeia; explicamos o mundo com palavras, mas as palavras nunca podem anular o facto de estarmos rodeados por ele. Ainda se não estabeleceu a relação entre o que vemos e o que sabemos. Todas as tardes vemos o pôr-do-sol. Sabemos que é a terra que gira à sua volta. O conhecimento, a explicação, nunca se adequa, sem dúvida, completamente é visão. (BERGER, 1987, p. 11)

Um exemplo de linguagem que podemos observar é a produção relativa ao Construtivismo Russo (a partir de 1913). Ao contemplarmos, através da percepção de artistas e designers, é possível entender o momento social por meio da construção imagética. Havia uma perspectiva social que começava a questionar a posição do artista, foi quando ele começou a se aproximar da realidade vivida pelo trabalhador.

A figura 1 é um cartaz de Alexander Rodchenko, um dos precursores do movimento. Cada elemento disposto possui um conceito que justifica o comportamento do ambiente retratado pelo artista.



Figura 1 – *Pôster de propaganda para Lengiz, Alexander Rodchenko (1924)*

Nesse caso, Rodchenko retratou uma mulher, a Lilya Brik. Lilya foi uma artista russa e um dos símbolos do movimento. Sua representação simboliza a voz das mulheres que estavam inseridas na Revolução Russa.

Outro ponto explorado por ele foi a tipografia, formada por letras sem serifa e em caixa alta, pois mais de 70% da população da época era iletrada, e que a preocupação com o entendimento e transmissão da mensagem a partir da linguagem visual era importante, tão quanto a própria leitura.

3- RASTROS E A LINGUAGEM RESSONANTE (SOCIEDADE, CULTURA E MEMÓRIA)

O rastro cultural pode ser visto como um componente que, dentro de um espaço-tempo ressonante, deixa elementos de identificação. É a partir disso que os significados são compostos. Quando uma linguagem comum é estabelecida, torna-se possível a tradução de pensamentos enquanto códigos, possibilitando a comunicação entre as pessoas.

Essencialmente, podemos afirmar que essas práticas linguísticas funcionam “como se fossem línguas” não porque elas são escritas ou faladas (elas não são), mas sim porque todas se utilizam de algum componente para representar ou dar sentido àquilo que queremos dizer e para expressar ou transmitir um pensamento, um conceito, uma ideia, um sentimento. (HALL, 2015, p. 24)

Logo, tais estruturas linguísticas são compostas ao longo dos anos, constantemente modificadas pelo uso da linguagem e seus possíveis desdobramentos, que resultarão na representação da realidade em questão.

Esse fato faz com que as representações do passado possuam grande influência nas representações do presente. Segundo Bucci (2008), esses desdobramentos da linguagem visual passam por um processo de ressignificação, no qual as imagens vivificam o passado e expandem o presente. O autor denomina esse processo de Presente Expandido. É o que acontece em uma cultura, e é assim que surge o amplo leque de tradições e conceitos em cada grupo social.

Observar fotografias antigas na atualidade gera uma percepção diferente da qual o observador teve no momento em que ela foi tirada, por conta do contexto, mas, também, porque passou por construções visuais distintas, como efeito, gerou novos modos de ver a foto. Bucci (2008) chega a alegar que o tempo não existe e que, na verdade, ele é produzido e alterado pelas civilizações, sendo moldável pelas percepções de cada um.

As imagens foram feitas, de princípio, para evocar a aparência de algo ausente. A pouco e pouco, porém, tornou-se evidente que uma imagem podia sobreviver àquilo que representava; nesse caso, mostrava como algo ou alguém tinham sido – e, conseqüentemente, como o tema havia sido visto por outras pessoas. Mais tarde ainda, a visão específica do fazedor de imagens foi também reconhecida como parte integrante do registro. (BERGER, 1987, p. 14)

O passar do tempo ajuda a pessoa a complementar os aspectos que já existem. À vista disso, essa percepção é o processamento e a tradução de uma imagem onde teoricamente “faltam partes”, ou possuem partes em que o espectador preenche a partir de sua cultura e experiência pessoal.

4- A TÉCNICA E A SUA RELAÇÃO CULTURAL

Diferentes contextos sociais levam a configurações técnicas diferentes, e diferentes técnicas levam a representações sociais diferentes. O pensamento da técnica é agregado à cultura de maneira contígua

Não necessariamente a tecnologia está ligada ao meio digital ou midiático. Por sinal, durante muito tempo, não foi. Ou seja, os aparatos que existem hoje em dia são um aperfeiçoamento causado pela técnica e toda tecnologia existente se adequa ao seu meio.

Assim, tecnologia e desenvolvimento da técnica estão diretamente conectados e, através deles, é possível observar rastros sociais em uma cultura. É uma construção histórico-social, a qual não está livre de influências históricas, políticas e culturais. Por isso, a maneira como é utilizada varia e, conseqüentemente, leva a diferentes resultados. Contextos sociais distintos resultam em configurações distintas.

A tecnologia não é neutra porque incorpora valores da sociedade industrial; especialmente os daquelas elites capazes de incorporar (ou traduzir) seus valores (ou reivindicações) na técnica. Justamente por envolver questões políticas, é um importante veículo para comunicação cultural, controle social e concentração do poder industrial. (DAGNINO, 2004, p. 193)

A tecnologia, *a priori*, surge a partir da necessidade de uma sociedade. É através dela que dificuldades são sanadas e objetos de uso, ou maneiras diferentes de viver, são criados ou ressignificados. Por exemplo, em 1972 foi realizada a primeira transmissão pública de TV em cores. Antes disso, as pessoas assistiam à programação em preto e branco, sem saber a real representação dos cenários e objetos. Hoje em dia, além da televisão ser colorida, existem filtros e técnicas para alterar a coloração das imagens. Porém, ainda há produções que utilizam o preto e branco. O que antes era a única opção, atualmente virou um estilo de produzir vídeos. É a ressignificação e utilização dos padrões P&B no audiovisual.

O mundo a sua volta mostra uma realidade por meio da percepção humana onde as relações sociais cunham formas de tecnologia. A tecnologia é social, não é criada em benefício único e próprio, ela só explica o seu sentido na concomitância de uma percepção única e ao mesmo tempo geral de uma forma

de interação humana e sua complexificação surge da técnica necessária que essa percepção tem sobre o meio em que habita. (MORO, 2016, p. 103)

Assim, imaginamos que não é possível afirmar que um avanço tecnológico é melhor hoje do que antes, pois a tecnologia sempre existiu e está em desenvolvimento constante. Ou seja, todas as pessoas de todos os tempos sempre estiveram no ápice do desenvolvimento, seja ele qual for. O contexto, as ferramentas, o meio e a técnica utilizada resultaram em uma tecnologia distinta.

Não existe algum ponto da história em que a tecnologia foi melhor ou pior. O pensamento é de que o conhecimento da tecnologia é construído naturalmente dentro de bases de interação cultural e social do ser humano, e assim se modifica e se desenvolve. (MORO, 2014, p. 105)

As relações sociais moldam a tecnologia e isso é refletido na maneira que a técnica é usufruída por uma cultura.

Longe de ser determinada abstratamente, a tecnologia é o resultado de relações sociais de produção dentro da sociedade. Assim, a tecnologia não pode ser compreendida simplesmente como uma ferramenta criada para dominar a natureza. Mais do que isso, Alvez afirma, interpretando Marx que “[...] a máquina é um instrumento que perpetua um mundo em que os donos dos meios de produção exploram os deserdados.” (ALVEZ 1968, p. 14 apud. DAGNINO, 2004, p.197)

Assim, a técnica é usada a favor do Estado, o qual molda a maneira como ela será utilizada pelos trabalhadores. Por vezes, o resultado é positivo e outras nem tanto, depende da maneira como ela será aplicada.

Desde a criação do *Youtube*, plataforma utilizada para postar vídeos na internet, o conteúdo audiovisual vem crescendo cada vez mais. Em 2010 os primeiros *youtubers*, pessoas que fazem *vlogs* (categoria de vídeo caracterizada por ter poucos minutos de duração e ser produzido semanalmente por uma ou mais pessoas) sobre variados assuntos, começaram a se popularizar. Hoje em dia, o termo *youtuber* e influenciador digital viraram uma profissão em busca do lucro através da produção de vídeos. Os temas são diversos, desde o infantil até o adulto, abordando assuntos como tutoriais, *gameplay*, shows de humor, vídeo aulas... enfim, todo tipo de entretenimento é produzido e lançado na plataforma.

A base para a estruturação desse tipo de conteúdo digital surgiu muito antes do *Youtube* começar. A geração desses criadores de conteúdo é influenciada por uma bagagem audiovisual construída por técnicas utilizadas em programas de TV, por exemplo, os programas de auditório.

Um *vlog* no YouTube geralmente possui de 5 a 15 minutos e é uma síntese do que normalmente dura três horas, ou mais, na televisão. Enquanto na TV existiam vários quadros dentro de apenas um programa, no *vlog* é abordado apenas um tema por vídeo. As técnicas de audiência não mudaram muito, ainda são utilizados suspense, tensão e humor através de montagens e contextos ensaiados para chamar a atenção dos telespectadores e mantê-los entretidos na tela, que antes era da tevê, e, hoje em dia, é a do celular ou do computador.

A tecnologia é duas vezes determinada pelas relações sociais de produção: primeiro, ela é concebida e materializada de acordo com a ideologia e o poder social daqueles que tomam as decisões; segundo, seu uso na produção é determinado pelas lutas de classe que ocorrem no chão de fábrica. (DAGNINO, 2004, p.195)

Esse novo modelo de produção audiovisual evoluiu conforme os rastros deixados e o contexto em que o público está inserido. Vivemos em um mundo conectado que possui uma necessidade de urgência. E para suprir essa necessidade é preciso que os meios se aperfeiçoem. Padrões que antes faziam sucesso, hoje foram ressignificados para o meio digital, perpetuando as técnicas e aplicando-as de maneiras distintas.

5- ANÁLISE – TAKE ME OUT (2004)

Esse artigo irá analisar uma dessas construções históricas, do clipe da música *Take me Out* da banda *Franz Ferdinand* (2004). A semelhança entre relações de dois momentos históricos distintos está na forma como as informações e representações são vividas. Todas elas utilizam dados, ferramentas, experiências e técnicas do passado para ressignificar o presente. Isso cria rastros e, a partir deles, é possível desvendar aspectos decorridos e como os mesmos são vistos atualmente.

Moro (2016) estabelece quatro categorias de análise da imagem e dos rastros culturais sociais, sendo elas tradução, relação, comparação aditiva e apropriação. As categorias não são fixas e possuem intercâmbio de sentidos entre as estruturas e se modificam conforme o objeto analisado.

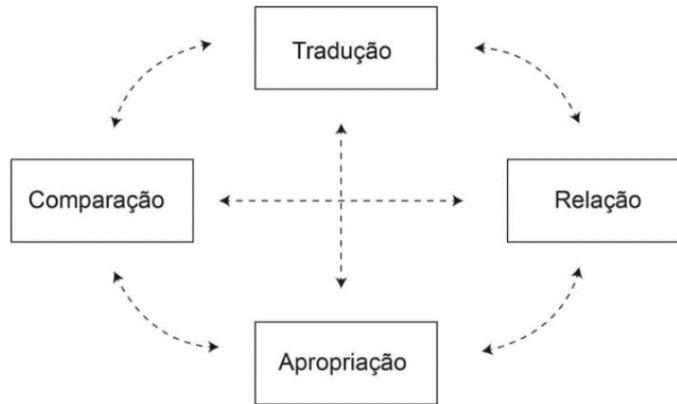


Figura 2 – *Categorias de análise em circularidade. Fonte: Moro (2016)*

A produção e circulação a partir da análise de circularidade acontecem por meio da linguagem, resultando na representação e ressignificação do conceito, por isso, nenhum significado é fixo e a linguagem nunca será limitada, estando em constante transformação.

5.1 Tradução

O clipe *Take me Out* da banda Franz Ferdinand foi lançado em 2004, dirigido por Jonas Odell, tem duração de 4 minutos e sua composição possui signos de colagens, montagens com imagens reticuladas e composições com forte caráter industrial.

5.2 Relação

A relação do videoclipe está ligada ao Construtivismo Russo, um movimento estético-político iniciado na Rússia a partir de 1910. Desde o seu surgimento passou por mudanças estruturais e temporais.

A Escola de arte Construtivista foi a primeira a declarar aceitação da ciência, causando consequências na nova geração de artistas no pós-guerra, as quais geraram na Europa uma nova onda de pensamento. Toda a sua estrutura foi baseada nesse conceito: produzir arte para a população, como já fora explicado anteriormente. Esse foi o início do movimento que influenciou e influencia, até hoje, o meio estético visual.



Figura 4 – Pôster do filme “Encouraçado Potemkin”, Alexander Rodchenko (1925)

Outras características marcantes foram o uso de formas geométricas, cores primárias, elementos industriais que remetiam às fábricas, e a utilização de materiais como madeira, vidro, ferro e aço para a fabricação das peças de arte.

As raízes do movimento foram se popularizando e gerando ecos com o passar dos anos. Ideias semelhantes com o conceito construtivista passaram por um processo de aperfeiçoamento e, através da linguagem, originaram novas representações e perspectivas artísticas diferentes. É o caso do clipe *Take me Out* da banda Franz Ferdinand (2004).

5.3 Comparação aditiva

O rastro que o Construtivismo estabeleceu ao longo de sua história é claro quando assistimos ao videoclipe. Ele é repleto de ecos do movimento, que foram ressignificados para uma nova realidade. As imagens abaixo foram retiradas do videoclipe:



Figura 5 –a direita: imagem videoclipe da música *Take Me Out* (2004) e a esquerda: Cartaz “*Trade Union is a Defender of Female Labour*”, Alexander Rodchenko (1925)

Na comparação aditiva podemos ver os elementos sobrepostos a fim de encontrar similaridades com os objetos de rastro (cartazes e videoclipe).



Figura 6 – Comparação aditiva (Rodchenko sobre Videoclipe)

Ao observar as duas passagens e comparar com um cartaz russo do artista e designer gráfico Alexander Rodchenko (1917), é possível perceber a similaridade das cores e formas. O vermelho e preto são característicos do movimento, juntamente com as formas triangulares e retangulares. Outro aspecto relevante é a fonte. No clipe é possível observar a letra da música “*Take me out*” na primeira imagem e “*leave here*” na segunda imagem, ambas com a mesma fonte usada pelos construtivistas (*Fugues Solid*).

5.4 Apropriação

A banda, ao adotar elementos do movimento em seu clipe, certamente não possuía os mesmos objetivos e intenções que os artistas tiveram durante a Revolução Russa. Apropriar-se de uma estrutura imposta no passado e refleti-la no presente, de forma a exaltar e transmitir novos valores e deixar de lado outros, que anteriormente eram considerados relevantes. O clipe é considerado o rastro de outros rastros, pois sofreu influência direta do movimento, mas também de ecos que se sucedem a ele.

Portanto, o vídeo é uma construção histórica que empregou elementos construtivistas do passado preocupando-se com a massificação e produção de conteúdo, onde, além de trabalhar com a estética, era preciso fazer com que o vídeo se popularizasse, mesclando valores históricos e conceituais

São 87 anos que dividem a música da composição gráfica, tempo suficiente para alterar a percepção e a maneira de ver a estrutura realizada pelo movimento.

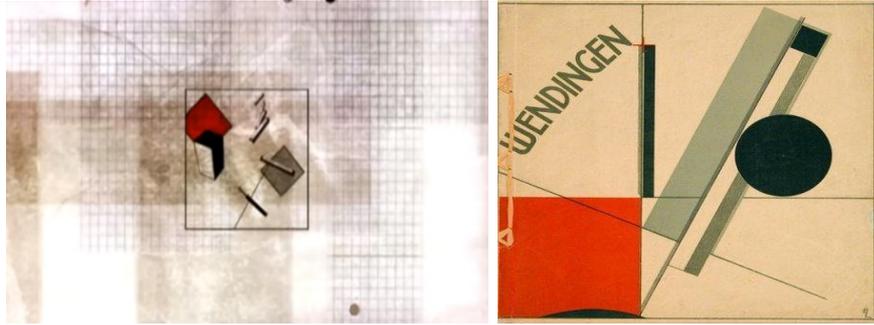


Figura 7 – À esquerda: imagem videoclipe da música *Take Me Out* (2004)
e à direita: “Wendingen”, El Lissitzky (1921)

Comparando a primeira cena com a obra construtivista do artista russo El Lissitzky (1921) intitulada *Wendingen*, é possível notar, novamente, a semelhança entre cores e formas geométricas. Ambas possuem moldura quadrangular, com um quadrado vermelho em contraste com o preto, elemento característico do construtivismo, que valorizava formas simples e pragmáticas. Formas retangulares e traços também são notados, a diferença é que no clipe todos esses elementos se movem, enquanto nas obras eles são estáticos.

Um dos conceitos construtivistas mais defendidos foi a estética da máquina e a função prática da arte. Esse aspecto é representado no vídeo a partir de montagens que referenciam o processo mecânico industrial.



Figura 9 – imagens de fotomontagem – videoclipe da música *Take Me Out* (2004)

O uso de materiais como aço era recorrente nas obras construtivistas, o que é exposto em desenhos e formas mecânicas como engrenagens e correias no videoclipe

6- CONCLUSÃO

Todos os exemplos de representações imagéticas existentes nesse artigo são resultados de construções sociais. A percepção humana é capaz de moldar e alterar a maneira de como as futuras gerações enxergarão o mundo, sendo primeiramente singular e, através da linguagem, plural. É assim que culturas e civilizações inteiras foram formadas. O poder da imagem move e conduz a maneira como as tribos são organizadas e representadas. É a partir dela que costumes e tradições surgiram e perpetuam.

Nenhuma outra espécie de vestígio ou de texto do passado nos pode dar um testemunho tão direto sobre o mundo que rodeou outras pessoas, noutros tempos. Sob este aspecto, as imagens são mais rigorosas e mais ricas que a literatura. (BERGER, p. 14, 1997)

Por isso, o estudo cultural é importante. Através dele é revelado o significado das representações de imagens e aspectos construídos ao longo da história. Estabelecer construções entre indivíduos e culturas, intercambiando linguagens em diferentes tribos é o que mantém a sociedade e a cultura vivas.

As ressignificações são mais do que um simples reflexo do passado, são a maneira como um indivíduo opta por ser representado, é o modo que o sujeito usa para configurar-se e interpretar o mundo a sua volta. Em uma sociedade globalizada, é de extrema importância saber se identificar e rastrear as suas origens, pois só assim as diferenças, os gostos, os valores, os costumes, os convívios inseridos nas culturas serão valorizados e cultivados, criando ecos para futuras formas de representar o mundo.

Apesar de o videoclipe possuir traços construtivistas, em nada tem a ver com o verdadeiro intuito do movimento, e essa é a parte interessante da história. As características do Construtivismo variam conforme a época que ele é representado. Por exemplo, a questão política em 1917 era mais forte e impactante do que em 2004, quando foi o seu lançamento. Isso faz com que as suas estruturas percam um pouco do teor ideológico, abrindo lacunas para outros tipos de percepção ainda não vistas anteriormente.

Ou seja, foi uma época de grandes novidades tecnológicas virtuais e do audiovisual, fato que corrobora, em conjunto com a já existente fama da banda, para o

grande sucesso que o clipe fez. Não necessariamente o público entendeu e identificou os traços construtivistas e, na verdade, ele não precisa. O intuito não era fazer os espectadores entenderem a origem de toda a estrutura audiovisual que o vídeo possui, e essa é a grande prerrogativa da resignificação: reutilizar signos do passado de forma a agregar novas formas de percepção no presente. Utilizar antigas perspectivas para criar novos aspectos, por exemplo, em um clipe de uma música.

O êxito do clipe é explicado por essa construção de valores antigos e atuais que foram se renovando ao passar dos anos. Hoje em dia, 16 anos depois de seu lançamento, o mesmo é visto de outra forma. A relação social política alterou-se. Atualmente, em 2020, vivemos um momento de nossa história de grandes embates políticos e discussões ideológicas, e isso é o suficiente para alterar o teor de significação da imagem que o clipe reproduz. Agregando uma visão de cunho mais político, enquanto em 2004 foi considerado mais estético/artístico, focado no conceito popular e alternativo que a banda queria transmitir, por exemplo.

Portanto, conclui-se que a maneira do público perceber o vídeo e a imagem já não é mais a mesma que no ano de lançamento, e não será mais a mesma daqui a alguns anos, pois o processo de renovação de significados é constante e cíclico. Sempre refletindo aspectos do passado, mas nunca da mesma maneira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, John. **Modos de ver**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BUCCI, Eugenio. **Meu pai, meus irmãos e o tempo**. In: *8 X fotografia* [S.l: s.n.], 2008.

HALL, Stuart. **The work of representation**. In: HALL, Stuart (org.) *Representation. Cultural representation and cultural signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

MORO, Gláucio Henrique. **Pictograma e Pictografia: Objeto, Representação e Conceito**. 2016. 177 f. Tese (Doutorado) – Curso de Design, Universidade Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2016.

NOVAES, Henrique; DAGNINO, Renato. **O Fetiche da Tecnologia. Org & Demo**, São Paulo, v. 2, n. 5, p.189-210, 2004.